

▣ Identidade Cultural do Brasileiro: Razão, Emoção, Ação e Aplicação no PL2-E[1]

Jane Cristina Duarte dos Santos

Mestre em Letras- PUC- RJ

Quando falamos sobre cultura brasileira, precisamos atentar para a presença de alguns elementos importantes que colaboram com a construção da nossa identidade cultural: a razão, a emoção e a ação do brasileiro. De que forma estes três elementos ajudam a construir a nossa identidade? Como a nossa cultura pode ser apresentada a alunos estrangeiros? Como podemos auxiliar na diminuição de estereótipos negativos? Antes de trabalharmos esses três elementos, precisamos esclarecer o que entendemos por identidade cultural.

Segundo Paul Kroskrity (2001), a identidade é vista como construção lingüística através da qual nos inserimos em um grupo social e somos definidos no mesmo. Nós construímos a nossa identidade através da linguagem; sendo assim, ela é construída a todo o momento.

O estudo da linguagem como discurso interacional demonstra que o gênero, a etnicidade e a classe não são constantes, mas são comunicativamente produzidos. As identidades são mutáveis e podem ser percebidas através dos processos comunicativos. Existe um conflito em função de diferenças de modo / estilos de fala, na interação entre indivíduos pertencentes a grupos sociais com diferentes experiências. Identidades sociais e etnicidade são, em grande parte, estabelecidas e mantidas através da linguagem (Gumperz, 1982).

Milton Bennett (1993) caracterizou dois tipos de cultura: a cultura objetiva e a cultura subjetiva. Cultura Objetiva consiste em manifestações concretas produzidas pela sociedade, como literatura, música, ciência, arte, língua, enquanto estrutura, entre outras. A Cultura Subjetiva, por outro lado, pode ser encontrada em manifestações abstratas, como valores, crenças e no uso da língua, levando a uma competência intercultural.

Segundo Bennett & Bennett (1994), o foco na cultura subjetiva pode auxiliar os aprendizes a compreender as diferenças culturais em rituais sociais, comportamentos não-verbais e estilos comunicativos: "When the intercultural communication approach to culture is applied to domestic diversity, it produces an emphasis on understanding the process of ethnic identification and intergroup relations". (p. 154)

Um dos componentes mais significativos na abordagem da identidade lingüístico-cultural é a questão da língua nacional. Para isso, Todorov (1988, apud Serrani-Infante, 2001) defende o conceito de nação, que pode seguir o modelo raça, o modelo de contrato, isto é, um compromisso de adotar regras e, por último, o que mais interessa nesse trabalho:

A antinomia das duas 'nações' pode ser superada se aceitarmos pensar a nação como cultura. Tal como a 'raça', a cultura pré-existe ao indivíduo, e não se pode mudar de cultura do dia para a noite (...). Mas a cultura tem também traços comuns com o contrato: ela não é inata, mas adquirida; e mesmo se essa aquisição for vagarosa, ela depende, no fim das contas, da vontade do indivíduo e pode dizer respeito à educação. Em que consiste sua aprendizagem? Em um domínio da língua, antes de tudo; em uma familiarização com a história do país, com sua paisagem, e com os costumes de seu povo de origem, regidos por mil códigos invisíveis (...). (p. 239/240)

Para a Psicologia Social, a identidade é definida através da alteridade, da relação com o outro (Kleiman, 2001). O conceito do "eu" do indivíduo organiza-se em virtude das características, crenças e traços da

personalidade assumidos pelo grupo com quem ele se identifica, perdendo sua individualidade. Nesse sentido, a identidade cultural é constituída através da identificação que temos com membros da mesma sociedade: seus valores, regras, costumes, e uso da língua; isto é, a cultura subjetiva.

Razão: a maneira de pensar do brasileiro

Se observarmos o anexo 1[1], perceberemos que a personagem está fazendo um julgamento em relação à condição das mulheres e da cidade do Rio de Janeiro. Assim, notamos que ela faz uso de um elemento chamado razão. A razão é a nossa maneira de avaliar, julgar, raciocinar.

Em relação às formas de pensamento, podemos dizer que o pensamento pode ser linear ou não-linear. O pensamento linear caracteriza um pensamento mais lógico, uma diretividade nas palavras. Culturas que possuem essa característica na maneira de pensar costumam avaliar ações com uma causa e uma consequência, como a cultura norte-americana, por exemplo.

O pensamento não-linear é caracterizado por várias relações simultâneas. Esse tipo de pensamento está presente na cultura brasileira. O brasileiro é marcado por uma forte indiretividade, que pode ser realizada na forma de um discurso circular. No anexo 2, podemos ver um exemplo de discurso não-linear. Em um texto de opinião, João Ubaldo Ribeiro faz críticas a determinadas decisões tomadas pelas autoridades do Rio de Janeiro. Podemos notar que o autor acrescenta fatos a fim de exemplificar e criticar, seguindo um movimento circular, até que conclui de forma irônica.

Cada cultura possui a sua maneira de organizar os pensamentos. Como afirma Singer (2000:47): “We don’t have to like another groups values or way of thinking to communicate effectively with them, but we certainly do have to understand them”.

Emoção: a forma de sentir do brasileiro A cultura brasileira é fortemente caracterizada como uma cultura high-context, ou seja, as informações estão internalizadas, são mais econômicas, sendo usadas em situações de maior proximidade (cf. Hall, 1998). Nesse tipo de cultura, a emoção está presente com mais ênfase.

Se observarmos o anexo 3, poderemos perceber que o autor procura intensificar a emoção na fala da personagem masculina através da entonação na palavra “” e da repetição do ponto de exclamação. Exagero? Talvez, aos olhos de aprendizes que ainda não atingiram um bom conhecimento intercultural. Esse fato mostra a presença marcante da emoção na nossa cultura.

O brasileiro é considerado altamente emotivo e, na opinião de muitos estrangeiros, dramático. Quem assistiu ao filme *Lisbela e o Prisioneiro*, pôde perceber que a emoção estava presente de diversas maneiras, tanto lingüística como não-lingüística. Felicidade, esperança, ansiedade, medo, preocupação, compaixão foram apenas algumas de muitas outras expressões que denotam diferentes emoções, em português, encontradas na análise do filme.

Algumas dualidades estão presentes nessa emoção expressa pelo brasileiro. Se por um lado o brasileiro é muito dramático, por outro há um contentamento. Se por um lado o brasileiro é orgulhoso da sua nacionalidade, por outro é o primeiro a criticar a condição de ter nascido nesse país:

O brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Então, do que ele mais ri é dos pequenos delitos que todos nós cometemos em nosso cotidiano. Ele adora assistir tevê para ver serem gozadas nossas manias, nossa breguice, nosso atraso cultural e ético, os políticos que nós elegemos e por aí vai. Daí, fazer humor é não avaliar a de ninguém, nem a nós mesmos. Afinal, fazemos parte desta cultura de arrumar culpados, de pôr a culpa nos outros e de não assumir a responsabilidade pelas coisas. (Hubert e Madureira, 2001:116)

Se compararmos com outras culturas, o brasileiro demonstra muito facilmente suas emoções. Abraços, beijos, toques, o contato nos olhos, ou seja, o contato físico é muito importante, assim como a família e os amigos. O comportamento do brasileiro nem sempre é bem compreendido por estrangeiros, que nos vêem como agressivos e, em muitos casos, vêem a nossa afetividade como não verdadeira, criando um estereótipo negativo.

“Different cultures take different attitudes to emotions and these different attitudes to emotions influence, to a considerable degree, the ways people speak” (Wiersbicka, 1991:121). Se observarmos manifestações lingüísticas, poderemos perceber uma forte presença da nossa afetividade, como o uso de interjeições, aumentativos, diminutivos, onomatopéias, formas de tratamento, entre outras.

No anexo 4, notamos que o diminutivo, tão marcante na cultura brasileira, também é usado para animais de estimação “finado gatinho”, bem como forma de tratamento carinhosa “Jôjô”.

Ação: a maneira de agir, reagir e interagir do brasileiro A palavra ação está diretamente ou indiretamente ligada a palavra motivação; alguma coisa nos motiva para que possamos tomar determinada atitude. O que necessariamente poderia ser essa motivação? Essa motivação é a razão e a emoção.

A ação, na cultura brasileira, está relacionada à razão e à emoção, como forma de exteriorização do que sentimos. Sendo assim, temos atos lingüísticos e não-lingüísticos que nos caracterizam, muitas vezes transformando esses mesmos atos em estereótipos (por vezes negativos na opinião dos nossos alunos estrangeiros).

Conforme podemos ver no filme Deus é brasileiro, vários são os estereótipos que caracterizam os brasileiros: a nossa religiosidade (marcada por um sincretismo), a nossa necessidade de viver cercado de amigos e familiares, o cruzamento de raças, o jeitinho negativo e positivo, a nossa solidariedade, nossa linguagem corporal ao falar, o volume alto ao falarmos, as nossas interrupções positivas durante conversações, entre muitas outras.

Um dos estereótipos mais conhecidos por outras culturas é a falta de pontualidade. O brasileiro quase nunca chega a um encontro no horário marcado. Segundo a autora do livro *Brazil: A Guide for Businesspeople*, os brasileiros são caracterizados por não-pontuais por, segundo o conceito de tempo policrônico x monocrônico, realizarem mais tarefas ao mesmo tempo, o que, como conclusão, atrasam a finalização de todas (p. 23), e, também, a socialização desempenha um papel muito importante na nossa cultura, por isso tomamos tempo para conversar sobre outros assuntos, antes de, efetivamente, discutirmos assuntos principais.

Se assistirmos ao episódio “Consciência limpa é melhor do que dinheiro no bolso”, da Grande Família, poderemos destacar muitos atos que caracterizam a nossa cultura. Primeiramente, a mãe, dona Nenê, é uma mãe superprotetora e a filha, Bebel, apesar de ser casada, continua morando na casa dos pais. Esse fato não causa estranhamento aos olhos dos brasileiros, mas é considerado um absurdo em outras culturas.

O episódio fala sobre a reivindicação de Nenê por seus direitos trabalhistas. Ela resolve contratar uma empregada e tirar uns dias de férias. Nós podemos destacar expressões como: “a vida não é um mar de rosas”, “onde o vento faz a curva”, “tirar o cavalo da chuva”, “manchar a honra”, “ganhar uma baba”, entre outras que fazem parte do nosso cotidiano. O Jogo do Bicho também está presente, quando Agostinho tenta convencer os familiares de que recebeu muitos sinais (inclusive através de um sonho) de que deveria “fazer uma fezinha” e jogar no bicho.

Precisamos atentar para o fato de que esses estereótipos existem, mas que não podem ser generalizados. Segundo Singer (2000), os diferentes grupos a que pertencemos muitas vezes nos

ensinam diferentes formas de agir. Assim, nossa maneira de agir vai depender da prioridade que cada grupo tem em nossas vidas e do grau de identificação que temos com cada um desses grupos. Essa observação é muito importante na hora de trabalharmos a cultura brasileira em sala de aula de Português para Estrangeiros.

Aplicação no PL2-E Nosso objetivo aqui não é fazer uma conclusão do trabalho, mas sim propor uma aplicação do assunto discutido em sala de aula de PL2-E.

Atualmente, uma das mais bem conhecidas características dos estudos modernos de aprendizado de segunda língua é a visão de que o sucesso no aprendizado de uma segunda língua vem acompanhado da aquisição da cultura dessa língua como segunda cultura. O aprendiz precisa aprender estruturas gramaticais, mas também um novo conhecimento cultural e um conjunto de restrições culturais específicas do comportamento lingüístico (cf. Libben e Lindner, 1996).

Byram (1991, apud Lantolf, 2000) afirma que o objetivo do ensino de uma nova cultura não deve replicar o processo de socialização experimentado pelos nativos da cultura, mas sim desenvolver uma compreensão intercultural. Sendo assim, quando apresentamos filmes, seriados, propagandas, não estamos objetivando a reprodução por parte dos nossos alunos, mas sim uma compreensão das nossas marcas culturais, a fim de amenizarmos os estereótipos negativos.

Diferentes formas de interação podem ser trabalhadas em sala de aula, em forma de produção e apresentação de diálogos. O livro *How to be a carioca* é um bom instrumento para ser usado em sala. Ele trabalha o jeito de ser do carioca, desde a maneira de falar até as expressões corporais. Além disso, podemos trabalhar também as diferentes interações no Brasil. A página do banco HSBC na internet traz diferentes formas de interação em diferentes cidades do Brasil, tais como Curitiba, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, entre outras. Outra boa opção é a nova propaganda do portal do Click21, que traz os atores Douglas Silva e Darlan Cunha, de Cidade dos Homens. Durante a propaganda eles fazem uso de diferentes formas de tratamento que transmitem uma proximidade na interação, como “cara”, “negão” e “nequinho”.

[1] A sigla PL2-E (português como segunda língua para estrangeiros) tem sido usada na área de pesquisa em português para estrangeiros na PUC-Rio.

Referência Bibliográfica

Bennett, M. J. (1993). *Intercultural communication: a current perspective*. In: Idem (ed.). *Basic Concepts of Intercultural Communication*. Yarmouth, USA: Intercultural Press, p. 1-34.

_____; Bennett, J. M. (1994). *Multiculturalism and international education: domestic and international differences*. In: ALTHEN, G. (ed.) *Learning across cultures*. EUA: NAFSA, p. 145-165.

Goslin, Priscilla Ann. (1992). *How to be a Carioca*. Rio de Janeiro: Livros TwoCan Ltda.

Gumperz, J. J. (1982). *Introduction: Preface. Introduction. The sociolinguistic of interpersonal communication. Postscript*. In: _____ (ed.) *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University Press.

Hall, E. T. (1998). *The Power of hidden differences*. In: Bennett, M. J. (ed.) *Basic Concepts of Intercultural Communication – selected readings*. Yarmouth, EUA: Intercultural Press, p. 53-67.

Hubert e Madureira, M. (2001). *O brasileiro ainda não decidiu se é um gênio ou um merda*. In: Aguiar, L. A. (org.) *Para entender o Brasil*. São Paulo: Alegro, p.115-121.

Kleiman, A. B. (2001). A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: Signorini, I. (org.) *Lingua(gem) e Identidade*. Campinas: Mercado das Letras / São Paulo: FAPESP, p.267-302.

Lantolf, J. P. (2000). Second culture acquisition: cognitive considerations In Hinkel, E. (ed.) *Culture in second language teaching and learning*. 2 ed. Cambridge, UK: Cambridge UP, p. 28-46.

Libben, G. & Lindner, O. (1996). *Second Culture Acquisition and Second Language Acquisition: FauxAmis?* *Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht* [Online], 1(1), 14 pp.

Kroskrity, P. V. (2001). Identity. In: Duranti, A. *Key Terms in Language and Culture*. Malden, Mass: Blackwell, p. 106-109.

Serrani-Infante, S. (2001). Identidades e segundas línguas: as identificações no discurso. In: Signorini, I. (org.) *Lingua(gem) e Identidade*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, p. 231-264.

Singer, M. R. (2000). The role of culture and perception in communication In: Weaver, G. R. (ed.) *Culture, communication and conflict – readings in intercultural relations*. Rev. 2nd. Ed. Boston: Pearson Publishing, p. 28-53.

Wiersbicka, A. (1991). *Cross-cultural pragmatics – the semantics of human interaction*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter. Cap.3: “Cross-cultural pragmatics and different cultural values”

_____. (1999.) *Emotions across Languages and Cultures*. Cambridge: Cambridge UP, p. 49-122.

www.oglobo.com.br

<http://niquelnausea.terra.com.br/>

www.hsbc.com.br

Filmes:

Lisbela e o prisioneiro

Deus é brasileiro

Anexos

Anexo 1



Anexo 2

Publicado em 05 de dezembro de 2004

Eles cuidam de nós

JOÃO UBALDO RIBEIRO

Já vivemos tempos mais chiques, em que artigos de jornal às vezes ostentavam epígrafes em língua estrangeira, sem tradução. Senti um pouco falta desses tempos agora, porque quis tacar aí em cima a epígrafe que, de qualquer forma, taco aqui embaixo, embora assim não seja mais epígrafe: will wonders never cease? — jamais cessarão as maravilhas? É o que me pergunto, mais uma vez, ao tomar conhecimento das medidas que vêm sendo adotadas para nossa segurança, bem como dos conselhos que a experiência e o know-how (lá vem inglês de novo, devo ter-me exposto em excesso ao sereno na Barra da Ti-juca) das nossas autoridades nos ditam. É uma demonstração cabal de que, ao contrário do que espalha a canalhocrática mídia, está tudo sob controle e nossa segurança, na verdade, só depende de nós mesmos.

A semana começou com um petardo no coração do tráfico de maconha, um tiro certo que, se não o golpeará de morte, seguramente reduzirá drasticamente suas proporções. Vocês também devem ter lido que, pelo menos no Rio de Janeiro, está se iniciando uma campanha para apreender, imagino que em botecos, tabacarias e alguns poucos outros estabelecimentos, o papel usado pelos maconheiros para enrolar os baseados com que levam a nação à ruína. Para quem só recebeu o impacto de notícia agora, confirmo-a. A idéia é não ter contemplação, é não perdoar nada, não deixar seda sobre seda.

Imaginem o choro e ranger de dentes que já não se ouvem em todas as bocas de fumo da cidade, o tráfico arrasado e sedinha outrora ínfima chegando a valer quase um euro, a depender do cerco da lei e da ordem. Dois deputados estaduais, também li, apresentaram projetos sobre o assunto. Um abole a venda de seda para cigarro em qualquer forma e em qualquer lugar do Rio de Janeiro. O outro vai mais longe: propõe que se proíba terminantemente a fabricação da dita seda em todo o território do estado, é o que estou lhes dizendo. Desde o dia em que ouvi a notícia sobre o deputado federal que apresentou, ou vai apresentar, projeto proibindo que se dêem nomes de gente a animais, não me batia com iniciativa de tamanha repercussão para a sociedade.

Fazendo também a minha parte, como o colibri que, com seu delgado biquinho cheio de água, ajuda a apagar o incêndio da floresta, aproveito e chamo a atenção para o esquecimento de uma droga bem mais pesada, a cocaína. Minha sugestão é o imediato confisco dos estoques de canudinhos de suco, em todas as lanchonetes, padarias, confeitarias, sorveterias, botecos e congêneres. Os consumidores usam esses canudinhos para cheirar a droga, se vocês não sabiam. Usam, pensando bem, qualquer tubo que caiba numa narina. O melhor seria, por conseguinte, criar-se a Agência Estadual de Controle de Canudos, Tubinhos e Correlatos, cuja primeira medida será — adivinhem — a criação do Disque-Tubinho, o qual estará franqueado, gratuitamente e sob garantia de anonimato, a qualquer cidadão que dispuser de informações sobre canudos suspeitos.

É necessário abrigar no coração muita má vontade, para não se reconhecer como os governantes, de administradores a legisladores, se esforcem. Mas não é só dando sugestões, como acabo de fazer, que desempenhamos a nossa parte. É também agindo. Por exemplo, ouvi dizer, não sei se é verdade, embora não duvide, que uma autoridade criticou a mãe do Robinho, pois ela, de certa forma, teria sido responsável pelo próprio seqüestro. O filho lhe deu um Mercedes e ela andava no Mercedes. Segundo também soube, não é nenhum Mercedão desses importados, é dos menores, que rolam muito por aí. Mas é Mercedes e a mãe do Robinho não tinha nada que andar desfilando de Mercedes, é muita imprudência, assim também já é quase convidar o criminoso. O Mercedes deve manter-se na garagem para ser olhado às segundas, quartas e sextas (São Paulo usa rodízio para carros, lembrem-se) e alisado nos domingos. Vai ver que, se o Robinho desse à mãe um Rolex ou um colarzinho de pérolas legítimas, ela iria querer usá-los.

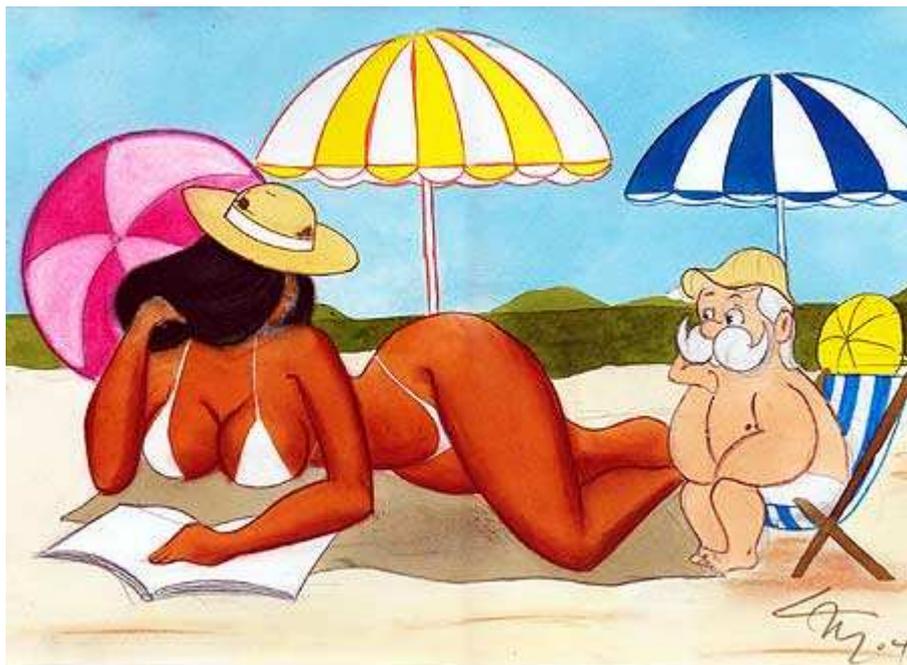
Aí também já seria demais. Todo mundo sabe que quem puder ter seu Rolex que tenha, somos um país livre, mas não é para sair exibindo-o por aí. Ter Rolex é uma coisa, usá-lo é outra, inteiramente

diferente, e quem tem consciência sabe disso. Ou então contrata seguranças. O que não falta é segurança para contratar, só não vê quem não quer. Alegar-se-á que muita gente não tem dinheiro para pagar seguranças, mas aí, paciência, tudo custa um preço, inclusive curtir um relógio ou sair à noite (ou de dia também, pensando melhor). Então não saia de casa. As grades dos edifícios estão aí mesmo, para proteção geral e os assaltos a edifícios são todos por culpa dos porteiros, tanto assim que aguardo para qualquer instante um projeto de lei extinguindo a categoria dos porteiros e em consequência deixando os assaltantes de edifícios inteiramente desnorteados, fora de combate mesmo.

E dá para sair numa boa, tem muita paranóia, muita neura, nesse negócio todo. Basta seguir os conselhos simples das autoridades. Não andar sozinho à noite. Não levar cartão de banco, ou de crédito. Lembrar o dinheiro do assaltante, para não aborrecê-lo com uma frustração que pode ser fatal para sua recuperação, lá em Bangu. Aliás, Bangu, não, mudaram o nome do bairro onde ficam os presídios, agora não há mais presídios em Bangu, embora eles não tenham sido removidos de lá, só trocaram o nome. Já é alguma coisa. Enfim, basta ver a realidade com os olhos desarmados (e o resto do corpo também, porque dá cana, só não dá cana para o ladrão) para perceber que eles cuidam de nós. Mal posso esperar ver na televisão o primeiro condenado por porte de canudinho, é muito bom o sujeito se sentir protegido.

JOÃO UBALDO RIBEIRO é escritor

Anexo 3



CARIOCATURAS

— Você leu o livro do Jabor sobre amor e sexo?

— Li. Gostei. E me deu uma saudaaaaaaade!!!!!!

Anexo 4



[1] A imagem foi recortada e somente os dois primeiros quadros foram utilizados nesse trabalho. A imagem original encontra-se no Jornal O GLOBO do dia 03/12/2004.